

INTERFACES DO DIÁLOGO ENTRE ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO: AS FAMÍLIAS DA ESCOLA MACHADO DE ASSIS

AMANDA MEDEIROS OLIVEIRA¹; LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ³

¹Universidade Federal de Pelotas – littejoy@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas– lialorenzato@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Neste trabalho busco apresentar e discutir as ações realizadas pelo Programa de Educação Tutorial – Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular (PET/GAPE) junto a Escola Municipal Machado de Assis e as interfaces do diálogo entre Antropologia e Educação para a construção do projeto político-pedagógico da escola. A parceria entre o PET-GAPE e a Escola já acontece há mais de um ano a partir de diversos projetos e atividades como ciclos de cinema, produção de documentários e a realização de pesquisa-ação. A EMEF- Machado de Assis é localizada na Rua Doutor Francisco Ferreira Veloso, no bairro Três Vendas. No início de 2016 ainda era uma escola de porte pequeno, que contava com mais ou menos 70 estudantes. No entanto, no final desse ano a escola mudou de endereço, estrutura e começou a atender cerca de 150 estudantes entre o ensino primário e fundamental. A atual direção solicitou ao PET-GAPE que fosse realizada uma pesquisa junto às famílias dos/as estudantes para conhecer a realidade das novas famílias que integram agora a comunidade escolar e a partir das questões levantadas por essas, realizarem a construção coletiva do projeto político pedagógico.

Para Ilma Veiga(2002) o projeto político-pedagógico se faz presente para além dos planos de ensino e atividades no ambiente escolar. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todas as pessoas envolvidas no processo escolar. A autora explica que:

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. "A dimensão política se cumpre na medida em que ela se realiza enquanto prática especificamente pedagógica" (Saviani 1983, p. 93). Na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. Pedagógico, no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade. (p. 16)

A partir dessa solicitação, o PET-GAPE reuniu algumas integrantes do curso de Pedagogia e Antropologia para realizar essa pesquisa. Acredito que o diálogo entre Educação e Antropologia só pode dar bons frutos a partir do viés crítico. A experiência antropológica aqui se faz presente a partir do momento que os/as estudantes de Pedagogia se permitem “estranhar o familiar” (Velho,1978). Como uma criança na “fase dos por quês”, se deliciar com as incertezas e com as

perguntas que lhes rondam a cabeça. De acordo com Peirano(1996), é no estranhamento que reside a possibilidade de auto-reflexão a partir do confronto entre teorias, entre teoria e pesquisa. Através do viés crítico, é que se pode perceber com outro olhar as dinâmicas familiares, as crianças e a própria escola. Pretendo apresentar as etapas da pesquisa, os métodos utilizados e tecer discussões teórico-metodológicas da Antropologia para a pesquisa com famílias.

2. DESENVOLVIMENTO

Na primeira etapa da pesquisa a Escola enviou um comunicado para as famílias sobre a realização da pesquisa, perguntando a disponibilidade de cada família em participar. Na segunda etapa, após recebermos a devolução dos comunicados com as respostas, separamos as fichas em famílias que desejavam ou não participar. Feito isso, separamos as fichas das que desejavam participar por bairros, com o intuito de visualizar onde as famílias que pertenciam a comunidade escolar da EMEF estavam localizadas. Na terceira etapa, trouxe para o grupo de estudos multidisciplinar do PET- GAPE alguns textos sobre métodos utilizados pela Antropologia em universos citadinos, todas/os integrantes do PET, focando principalmente nas interfaces entre Antropologia e Educação e que métodos e o porquê utilizar na pesquisa com as famílias. Na quarta etapa realizamos uma ficha com algumas informações básicas, um roteiro para as pesquisas e definimos quais métodos e técnicas antropológicas iríamos utilizar.

3. RESULTADOS

O intuito é discutir e apresentar as ações realizadas na terceira e na quarta etapa da pesquisa, ou seja, os métodos e técnicas antropológicas que serão utilizados, discussões teórico-antropológicas sobre a pesquisa com famílias e o roteiro realizado para as entrevistas semi-estruturadas em função do projeto-político-pedagógico da escola.

A pesquisa será inicialmente realizada a partir da noção de “Observação Flutuante”, cunhada por Colette Pétonnet para pesquisas em universos citadinos, a partir dessa observação adentraremos os bairros. A Observação Flutuante é apresentada como um método de observação aberto, sem objetivos pré estabelecidos fora de campo. A “observação flutuante se encontra na circunstância, no acaso. Na possibilidade do pesquisador(a) deixar-se guiar pelo campo, de modo flutuante, afetando-se, atento aos sentidos, mas sem focar em um objeto específico, sem o que Colette Pétonnet classificou como “informante privilegiado”.

Em campo, a expectativa de usos ordinários ou o que Soraia Simões (2008) chama de comportamento adequado para determinado endereço- uma residência, um estabelecimento comercial ou um cemitério, possuem um comportamento esperado para cada um, mas seguir essa expectativa padrão poderia minar com a chance do observador deixar-se surpreender, pois ao flutuar, o observador estaria aberto ao inesperado, aos múltiplos usos que as pessoas poderiam dar para determinados endereços. Para Soraia Simões (2008), o observador, utilizando como métodos a observação flutuante, partirá para uma viagem, uma viagem muito particular ao sentido que o outro dá àquilo que ali veio fazer.

Segundo, Soraia Simões(2008) a observação flutuante termina aonde começa a observação participante, pois esta seria observação desenderessada, sem destino, sem o antes. Ao chegarmos até os endereços das famílias, utilizaremos o método da Observação participante, aprofundado por Foote

White(2005) através dessa observação o/a pesquisador/a vivencia e participa das relações sociais privilegiando um/a ou mais informante/s. A partir de uma perspectiva “de perto e de dentro”, a observação participante será calcada em uma perspectiva “de perto e de dentro”(Magnani,2002) pretendemos perceber a partir das famílias a Escola Municipal Machado de Assis. É necessário ressaltar que ao perceber as opiniões das famílias em relação a estrutura, gestão escolar, sistema de ensino entre outras, não temos a pretensão de tornar cada uma homogênea, pois acreditamos que as famílias possuem singularidades na forma de experienciar a escola. Portanto, a ideia é perceber as diferentes maneiras como a Escola é concebida relacionalmente pelas famílias no cotidiano escolar.

Dito isso, qual os cuidados epistemológicos e éticos que devemos ter o pesquisar com famílias? Claudia Fonseca(2000) atenta para como o comportamento familiar de grupos populares é muitas vezes patologizado e alvo de olhares conservadoras. Segundo a autora:

“Conseguimos relativizar muita coisa — formas de lazer, hábitos de trabalho, práticas de namoro, até formas de organização política —, mas nossa tolerância pela diversidade parece tropeçar na barreira da família que, de Malinowski aos nossos dias, destaca-se como o último bastião do pensamento essencialista”.(p.28)

A intensão a partir dessas discussões é sair da ideia essencialista e universalizante de família, caracterizada por uma família nuclear. E compreender a partir dos/as atores sociais as próprias dinâmicas familiares que essas ideias essencialistas não alcançam.

4. AVALIAÇÃO

Neste trabalho procurei discutir e apresentar as etapas da pesquisa com as famílias que fazem parte da comunidade escolar da Escola Municipal Machado de Assis. A partir das interfaces entre Antropologia e Educação não pretendo transformar estudantes de Pedagogia em etnógrafos/as, mas desafiá-los/as a desnaturalizar algumas certezas a partir do olhar etnográfico. Através do diálogo crítico entre Antropologia e Educação podemos abandonar estereótipos, perceber categorias antes naturalizadas, agora como construídas socialmente(raça, gênero) e perceber as diferenças culturais para além do exotismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAGNANI, J.G. C. 2002 “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, ANPOCS/Edusc, vol. 17, nº 49, pp. 11-29.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995

PETONNET, C.. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**,Niterói, n.25, p.99-111, 2008.

SIMÕES,S.S.Observação flutuante: uma observação “desendereçada”.**Antropolítica**,Niterói, n.25, p.193-196, 2008.



VEIGA, I.P. A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva In: VEIGA, Ilma Passos A.(org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas: SP. Papirus, 2004.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005. .

FONSECA, C. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.